

INCELÊNCIAS: o povo canta seus mortos.

Manoel Henrique de Melo Santana¹

Resumo: No Catolicismo popular brasileiro, as "Incelências" são um tipo de canto fúnebre, de matriz popular, vastamente difundido no interior do Brasil. Entoadas junto aos moribundos e defuntos, durante toda a noite, as "Incelências" são cantadas em sentinelas com o sentido de despertar os moribundos para o arrependimento de seus pecados ou então, acompanhar a alma do ente querido aos cuidados dos Anjos e Santos, até à entrada no céu. Estão espalhadas, além do Nordeste, por outros Estados do Brasil. Trazida de Portugal, a sentinela foi enriquecida com as crenças indígenas e africanas. Ganhando a magia dos sentimentos da perda do falecido querido e, motivada pelo encontro de amigos e conhecidos, a sentinela termina vivendo um misto de dor e alegria. "Incelências" são cantos, de estrutura melódica simples e despojada, com o predomínio do estilo silábico e os sons repetidos, ao lado do defunto, cantados pelos parentes, amigos e vizinhos. Merecem destaque as mulheres parteiras do povo, rezadeiras e zeladoras do morto. A vida e a morte são elementos importantes da religiosidade popular e leiga no Brasil. Revelam a alma religiosa do povo brasileiro, que vive em profunda comunhão com Deus, em quem deposita uma infinita confiança tanto na vida como na hora da morte.

Palavras-chaves: catolicismo popular, Incelências, crenças, fúnebre.

Résumé: Dans le Catholicisme populaire brésilien, les "Incelências" sont un type de chant funèbre d'origine populaire, vastement diffusé dans l'intérieur du Brésil et entonné à côté de agonisants et défunts. Quand à côté de moribunds elles ont le pouvoir de ceux révéler par le convertiment de ses péchés et garantir le ciel. Les "Incelências" sont chantées pendant les sentinelles du défunt, et ont la fonction rituel de remettre l'âme de parents à l'attention de l'Ange et de Saints, jusqu'à l'entrée au ciel. Cette sont dispersées, en plus au Nord-est, par les autres États. La sentinelle a été portée du Portugal, et, ici arrivant, cependant s'enrichit par la culture indigène et africain. Entre nous a trouvé le Christianisme, mélangée par les croyances que d'indigène que d'africain, reçoit la magie de sentiments de perte du défunt, et en raison de rencontres sociaux, terminant en mixte de douleur et de joie. Les "Incelências" sont petits groupes de sons répétés, chantés à côté de défunt, par les parents, amis et voisins. Méritent importance les femmes, comme sage-femme, rezadeiras et celles qui font l'attention à qui est mort. La mort et la vie éternelle sont des éléments importants de la religiosité populaire et laïc du Brésil. Révèlent l'âme religieuse du peuple brésilien, qui vit en profonde communion avec Dieu, en qui dépose une infinie confiance autant de la vie que de l'heure de la mort.

Mots-clés: Catholicisme populaire, Incelências, croyances, funèbre.

¹ Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, Prof. do Centro Universitário CESMAC.

No catolicismo popular brasileiro, as "incelências" são também chamadas de: Excelências, Encelenças, Incelenças, Insalências, ixelenças, exelença. As "incelenças" são um tipo de canto fúnebre de matriz popular, vastamente difundido no interior do Brasil e entoado junto aos moribundos e defuntos. Quando junto aos moribundos, acredita-se, têm o poder de despertá-los ao arrependimento de seus pecados e garantir-lhes o céu.

As "incelências" são cantadas em sentinelas de defunto e cumprem a função ritual de entregar a alma do ente querido aos cuidados dos Anjos e Santos. A estes pedimos o acompanhamento, a proteção, até à entrada no céu. O caminho é longo e diante das tentações do demônio, é indispensável à presença protetora dos Anjos e Santos. O arcanjo São Gabriel e a Virgem Maria são os mais invocados. Miguel, com a balança em sua mão, pesa cada alma. O papel de advogada, então, cabe à Maria.

O gênero "incelências" não é algo exclusivo para moribundos e defuntos, mas também para outras circunstâncias, como em ocasiões de peste, durante tempestades, na procissão do Senhor Morto (Sexta-feira Santa), em tempos de seca. As incelências, além do Nordeste, estão espalhadas por outros Estados do Brasil, a exemplo de Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Uma incelência - minha Virgem da Vitória,
Despeça desta alma que ela hoje vai s'embora;
Ela hoje vai s'embora - Vai com dor no coração:
Despeça de seu povo e diga adeus a seus irmãos - (Voz por dentro);
Despeça de seu povo e diga adeus a seus irmãos (Voz por fora);

Este canto visa apresentar o falecido aos seus amigos, aos seus parentes. É a notícia, a confirmação, uma forma de atestado de óbito. O canto não pode ser interrompido nem quebrado e é cantado em ordem crescente. A espera do tempo é de 24 horas. As rezadeiras entoam o aviso, o chamamento, a saída do corpo:

Os carregador já chegou,
Esta alma já vai s'embora,
Sete incelências da Virgem- Senhora dai boa hora! (Voz por dentro)
Sete incelências da Virgem- Senhora dai boa hora. . . (Voz por fora)
O Adeus, descida à Terra

Com o falecido eram enterradas muitas malquerenças, como as inimizades. Por outro lado, a sentinela oferece a vantagem pelo nascimento de muitas e de tantas amizades novas. Sob os auspícios do morto, muitos casamentos também surgiram.

As "incelências" são pequenos cantos sempre repetidos 7, 9 ou 12 vezes, cantados por parentes, amigos e vizinhos em redor de um defunto adulto durante a Sentinela noturna. Canta-se "para ver se o pecador depois de sua morte se lembra de Jesus". Ao mesmo tempo são cantos de despedida pelos quais o povo desabafa seus sentimentos de tristeza e desespero. Neste caso, há o uso de bebidas alcoólicas. A "Sentinela" é um conjunto de ritos, com cânticos e orações, que vai desde a "passagem" ao sepultamento do defunto. A "Sentinela" é um acontecimento de muito respeito na vida do povo. Lamentavelmente os dicionaristas brasileiros não registram o vocábulo "Sentinela", com o sentido que ela tem no Sertão nordestino. No entanto, o vocábulo é estudado por intelectuais escritores como Silvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo, Gilberto Freyre, Théo Brandão e tantos outros.

Merecem destaque, na vida social do Brasil, as mulheres, que fizeram a nossa matriz social familiar. Primeiro, encontramos a parteira, sempre esperada por confiança e amor. As benzedeiras, a rezadeira do terço, depois as rezadeiras de sentinela e as condutoras de sentinela. As rezadeiras cuidavam do morto e as condutoras de sentinela cuidavam dos vivos e ultimavam a permanência do falecido.

O espírito de solidariedade é uma característica do povo da zona rural. Constitui-se uma omissão imperdoável não comparecer a uma "Sentinela". Como tudo mais, a "sentinela" é uma celebração ou uma "festa". Todos se movimentam e procuram dar a mínima colaboração que seja, não ficando ninguém na passividade. (2010, p 59).

Por causa da escassez de estudos nesta área, torna-se difícil precisar os detalhes presentes na "sentinela", até porque se trata de uma tradição oral. Mesmo assim são conhecidas algumas práticas:

a) O corpo do defunto fica na sala sobre uma mesa, uma tábua, ou então, uma porta colocada para esse fim. Acendem-se 4 velas: uma à cabeça, outra aos pés, e uma de cada lado, à altura dos braços. Os pés do defunto ficam voltados para a rua.

b) Os rezadores ou rezadeiras se posicionam aos pés do defunto. As "Sentinelas" e outras pessoas fazem um círculo em torno do defunto.

c) O ritual consta das Salve-Rainhas, de Terços e de Benditos especiais. Há benditos, por exemplos, para ajudarem o moribundo a morrer, como na "Excelência do

ajudamento", em que Jesus é invocado nesta aflição, na confiança de que Jesus vai com o morto:

Jesus vai contigo, de todo o coração/ Valei-me Jesus com toda aflição". Guerra-Peixe ainda nos revela a "Excelência da hora" e quando vai chegando a hora do sepultamento "desceu um anjo dos céus e o defunto ficou aliviado". Jesus é meu / Eu sou de Jesus / Valei-me, Jesus em toda aflição / Jesus é meu todo / Jesus Maria e José a minha voz é / Jesus é meu/ E sô Jesus/ Jesus vai contigo, de todo coração/Valei-me, Jesus, com toda afeição (1968 p. 247).

Ou na "Excelência da hora":

Às cinco horas da tarde / ele se viu tão agoniado/ Desceu um anjo dos céus/ ele ficou tão aliviado. Já deu uma hora / Que a cruz pendeu/ O sol incrisou/ A terra gemeu/ Era o castigo/ Que fazia horrô/ Valei-me minha Senhora/Valeu-me Sinhô.

Uma "Excelência" é cantada se a morte se verificar durante a tarde, e à chegada do crepúsculo. Há também a "Excelência" da barra do dia, quando o dia vem clareando. Uma outra "Excelência" canta as partes do corpo do morto. Conhecemos neste ritual a "Excelência" da roupa ou da mortalha, quando vestem o defunto. Aqui aparece a "Excelência" do cordão da mortalha. Depois, vêm a "Excelência" da despedida e a reza da saída do caixão. Este canto é entoado até desaparecer o cortejo fúnebre. Um trecho deste hino é recitado assim: "'Fulano, quando tu passá/No caminho do Bom Jordão/ E perguntares:/ "O que tu leva?", / Tu dirás:/ "Levo ceras e cordão"

Essa "incelências" é rezada ao anoitecer, acende-se a fogueira na frente da casa. A Sentinela se inicia com a reza do terço, seguido da Salve Rainha. Terminadas estas orações preliminares tem se o início do canto das "incelências". Canta-se a noite inteira. Durante o canto da "Incelências" de despedida, os parentes do defunto, um por um, chegam para fazer sua despedida. De madrugada, antes da saída do enterro, o ofício de Nossa Senhora é cantado. Antes de fechar o caixão, muitos beijam os pés do defunto. O defunto deve entrar no cemitério com os pés voltados para frente. (2010 p.68).

As origens

As "incelências" foram trazidas para o Brasil pelos colonizadores portugueses, sabendo-se, porém, de sua existência na Itália, no Sul do continente e na Sicília. Há

notícias, segundo Andrade, que este fenômeno é muito antigo, encontrado no mundo inteiro, na Grécia Homérica, ou em grande parte da Europa. (1969 p.112).

Em Portugal, originariamente as "incelências" eram cantos de louvor. Essas louvações, na sua maioria, estão relacionadas aos Santos de devoção, ou seja: o devoto canta e exalta as "excelências" de seu Santo protetor. Frei Francisco Van de Poel, pesquisador religioso, cita alguns manuais de devoções muito antigos, publicados em Portugal, onde se encontra o gênero de oração a saber: Coroa Seráfica Meditada (1751), Arco Celeste (1758), Mestre da Vida (1759) e Ramalhete de Myrraha (1823).

Essa matriz religiosa laudatória originária, como conhecemos hoje, continua entre nós. Théó Brandão nos revela, contudo, que embora conservando o nome de "Excelências", esse tipo de canto fúnebre se distanciou do caráter laudatório. Conserva de sua matriz originária a repetição de cada estrofe certo número de vezes. (1960 p.698).

Para o maestro e folclorista César Guerra Peixe, a "excelência" é também o próprio morto. Não é uma oração qualquer, é uma oração excelente, por isso mesmo é cantada de preferência, a partir da meia-noite, quando tudo está excelente. Excelente, por conseguinte é a condição de tranqüilidade das caladas da noite para se entoar os cantos fúnebres. (1968 p.236).

A Sentinela, trazida de Portugal, aqui, chegando, porém, é enriquecida pela cultura indígena. A melodia foi enriquecida ainda em Portugal, pelo séc.XV, com as primeiras levas de escravos negros. Quando chegou ao Brasil, chegou então modelada. Aqui encontrando o cristianismo, misturado com as crenças quer do indígena, quer do africano, ganha a magia do sentimento com os elementos da perda do falecido, que é motivo de encontros sociais e oportunidade para namoros. Assim a sentinela termina sendo um misto de dor e alegria.

As "incelências" possuem uma estrutura bastante simples. Às vezes, limita-se a uma estrofe de poemas, com versos e pequenas variantes, como a mudança de números:

_ Uma incelença de Nossa Senhora,
 Pega essa alma, entrega na glória.
 È de levar, é de levar
 Esse presente pra Nossa Senhora.
 _ Duas incelença de Nossa Senhora,
 Pega essa alma, entrega na glória...

_ Uma hora ele vai

Não tem medo, não tem pavor
 Na mão direita ele leva
 A imagem do Senhor.
 Duas horas ele vai
 Não tem medo, não tem pavor. . .

Despede de seu pai
 Que ocê num vê ele mais
 Leva pena, deixa saudade, Maria
 Adeus, Maria, adeus.
 Despede de sua mãe
 Que ocê num vê ele mais.

Sob o ponto de vista musical, as "incelências" possuem uma estrutura melódica simples e despojada. Há o predomínio do estilo silábico em graus conjuntos. São vocais, sem instrumentos musicais. Há uma exceção no "Louvor de anjo", isto é "incelências" para crianças, que podem ter, instrumentos musicais, também de percussão. A sentinela era um ato solitário.

Os números e seus símbolos

Os números são imprescindíveis na execução das "incelências". Os números podem vir explícitos no corpo do texto ou implícitos na quantidade de repetições de cada "incelência". Esse número de repetições varia de uma região para outra. A simbologia dos números é algo comum a todos os povos, variando o seu significado de um lugar para outro. Alguns números dependem da influência das antigas civilizações como o Egito e a Babilônia. Na tradição bíblica os números quase sempre têm um valor simbólico. O número 3 indica intensidade, ênfase, principalmente quando se repete três vezes. O número 7 indica perfeição, grande quantidade, uma série completa. Em nosso caso temos o 7^a dia. O número 12, sendo 3x4, é o número do que é bem completo. Conhecemos as 12 Tribos, os 12 Apóstolos, as 12 Legiões de Anjos, 144.000 (do livro do Apocalipse 7,4). São os resultados de 12x12x1000. O escritor Luís da Câmara Cascudo, folclorista, fala da medida de profundidade da cova do defunto, que deve ter sete palmos. Ou ainda que a alma do falecido permanece na terra até à missa do sétimo dia. O número sete aparece nas sete últimas palavras de Cristo na cruz ou também nas sete dores de Maria. (5)

O catolicismo tradicional, popular e conciliar

No Período Colonial (1500-1822), ao longo dos três primeiros séculos de colonização, desenvolveu-se em terras brasileiras o "catolicismo tradicional", de matriz luso-brasileira, leigo, medieval, social e familiar. Este catolicismo está profundamente vinculado à cultura do povo nessa época, tornando-se visível nas Irmandades e Ordens Terceiras, procissões e romarias, promessas e muitas devoções.

No Período Imperial (1822-1889), ao lado do catolicismo tradicional, foi se implantando no Brasil, a partir dos meados do século XIX, um outro tipo de catolicismo, de inspiração tridentina. Este catolicismo é, então, romano, clerical, tridentino, individual e sacramental. Este catolicismo renovado só prevaleceu no Brasil, graças aos esforços dos Bispos formados em Seminários europeus, com a colaboração de inúmeras Congregações Religiosas européias, que se trasladaram para o Brasil, em fins do século XIX.

No Período Republicano (1889), com o rompimento do cordão umbilical com o Estado e livre das amarras do padroado, o Episcopado brasileiro fará consolidar a Reforma Católica, principalmente, nas Paróquias, Colégios, Orfanatos, Hospitais, Asilos e outras instituições.

O Catolicismo popular continua sobretudo na zona rural. Até o século XIX dominam as expressões tradicionais de fé, cuja origem remonta ao catolicismo lusitano da Idade Média. Do catolicismo renovado, herdamos o mês de Maio, a entronização do Coração de Jesus e a comunhão das primeiras sextas-feiras de cada mês. A metodologia empregada aqui foi a "pedagogia do medo" utilizada nas Missões, através do medo da condenação eterna no inferno. Por sua vez, o clero ficou indiferente à religiosidade popular, daí, o desprezo pelas festas populares, pelas Sentinelas de Defuntos e outras realidades da fé popular.

O Concílio Vaticano II, apesar de toda a sua força de renovação, permitiu que o povo perdesse em parte sua herança cultural religiosa, como se lhe tivesse tirado o ninho natural de sua fé. Medellín e as outras Conferências Episcopais Latino-americanas, posteriormente, em 1968 e 1979, respectivamente, buscam recuperar as raízes abandonadas, mas não perdidas. Celebrar faz parte da existência humana. Cada povo, cada cultura tem suas formas de celebrar, de ritualizar seus mistérios. A morte tem uma discussão transcendente, isto é, tem uma relação com a divindade e o mundo humano.

O Cristianismo tem seu fundamento em Jesus Cristo, que venceu a morte e ressuscitou dos mortos. Desde os primeiros tempos, os cristãos sentiram uma profunda veneração por seus mortos, justificada na esperança da Ressurreição. Consumiam cada vez mais aromas e incenso para honrar seus mortos, conforme afirmava Tertuliano, comparando com o que os pagãos usavam para adorar seus deuses. (1983 p.80). Os cristãos manifestavam sua dor com afeto e respeito. A esperança comum unia defuntos e sobreviventes em uma comunhão perene, onde costumavam fazer um banquete, conforme os atestam documentos do século III, em Roma e Cartago. (1983 p.80).

Com o tempo, essa primitiva devoção comensal junto às catacumbas, se degeneraram, envolvendo-se em práticas pagãs. Contra estes sacrifícios dos mortos, e outros costumes, o clero e os Concílios sempre mantiveram uma zelosa vigilância, punindo-os severamente. (1983 p.80)

A Igreja, portanto, acompanha seus fiéis na experiência da morte. Há os ritos de "Encomendação da alma", de "Encomendação dos Agonizantes", além dos Rituais de Exéquias, de 1614 e de 1969, e ainda as Missas pelos defuntos no Missal de Paulo VI. No novo Ritual de Exéquias, a Igreja faz uma experiência de tratar o ser humano de forma unitária. A celebração apresenta uma variada seleção de textos bíblicos para o povo. Existe uma visão positiva da vida e do destino final do homem. Aqui não há mais a "pastoral do medo", método utilizado pelos missionários, nos antigos rituais. O Batismo é, agora, levado em consideração. A sensibilidade ecumênica foi respeitada no novo Ritual.

A cremação é permitida, desde que se respeite os princípios cristãos, autorizada pela Igreja, em 8 de maio de 1963. (1964, p.822-823)

Apesar da desejada renovação, o novo Ritual ainda deixa as marcas de uma antropologia dualista (corpo + alma). A concepção medieval pensava que no momento da morte a alma deixava este mundo e passava para Deus, enquanto o corpo ia para a terra. As dúvidas sobre as crianças que morrem sem o Batismo continuavam de forma acirrada.

A seqüência litúrgica, "Dies Irae" é de origem medieval, provavelmente das clausuras monásticas, com uma alusão ao texto do Profeta Sofonias que diz: "Aquele dia será um dia de cólera, dia de angústia e aflição, dia de devastação, dia de trevas e escuridão, dia nublado e tenebroso..." (Sf.1,15-16)

Segundo Delümeau, esse pessimismo tem suas explicações, em alguns fatos históricos, que se abateram sobre a Europa:

- _ A peste negra datada de 1348;
- _ A interminável Guerra dos Cem Anos;
- _ O inquietante avanço turco;
- _ O grande Cisma: escândalo dos escândalos"
- _ As cruzadas contra os hussitas;
- _ A decadência moral do papado;
- _ A Reforma Protestante com suas conseqüências.

Tudo isso foi freqüentemente interpretado como castigos vindos do alto, com a inevitável condenação ao inferno. Ainda segundo Delümeau esta interpretação punitiva, que se infiltrou na Europa, teve origem num determinado modo de vida dos mosteiros e, a partir do século XIII, também nos conventos dos Frades mendicantes. Seus principais elementos teológicos são: o ódio ao corpo e ao mundo, a evidência do pecado e o sentimento agudo de fuga do tempo. Esta concepção escatológica, imprimiu marcas profundas na espiritualidade cristã ocidental, sobretudo por se negar tudo o que é "material" e super-valorizar o "espiritual". (2003 p.159)

Falamos muito mais no inferno que no céu. Desde os primeiros séculos da era cristã que se crê num processo de "purificação". Por volta dos séculos XVII e XVIII o purgatório transformou-se num tipo de "inferno" provisório. O culto às almas do purgatório, no catolicismo popular, ocupa um espaço relevante. Daqui a prática de missas "encomendadas", "tarifadas", "privadas". Talvez seja a adesão mais disseminada e popular. (1977 p. 503-508)

Possuímos imagens minuciosas do inferno, com descrição de torturas, e do fogo. Lembramo-nos de Dante Alighieri (1265-1321), que descreve em sua trilogia o inferno, dividido em nove círculos e uma área externa. Aqui não há esperança, só desespero. As imagens terrificantes do inferno foram trazidas pelo colono português. O povo brasileiro se viu encurralado diante destas insistentes ameaças do risco de perdição eterna, de uma "pavorosa" eternidade, governada por um juiz vingador, colérico, sádico, torturador.

Pensando na "última agonia", merece destaque a figura dos "exaltadores", oriundo do interior de Alagoas, conforme registro de Théo Brandão. São pessoas especializadas no piedoso e meritório mister de ajudar o próximo a morrer.(. . .) Sua função é exaltar o moribundo a preparar-se para a outra vida. (. . .) Exercem o Ofício por devoção ou caridade, às vezes. Freqüentemente como profissão e meio de vida. (1960 p.698)

A religiosidade popular permite entre outras realidades conhecer a alma do povo brasileiro. O nosso povo vive em profunda comunhão com Deus. Nas horas mais difíceis é por Deus que ele grita. Haja vista para as interjeições de cunho religioso.

Apesar das imagens impregnadas do terrível e ameaçador inferno, deixadas pela pregação missionária, os textos das "incelências" (11) revelam uma concepção infinita da bondade de Deus, onde surgem a intercessão da Virgem Maria e a bravura do Arcanjo Miguel. A obra de Ariano Suassuna, "Auto da Compadecida" se insere neste contexto escatológico, tão próprio do imaginário popular nordestino.

O aproveitamento da Religiosidade Popular é uma prioridade pastoral apontada pelos Bispos do Brasil e da América Latina. A Palavra de Deus foi decididamente valorizada, como excelente fruto das conclusões do Concílio Vaticano II. Na Liturgia, isso conduziu a um grande movimento de entusiasmo, que levou a uma excessiva verbalização. Muitas devoções populares foram impiedosamente sacrificadas e a consequência foi a ruptura entre o culto celebrado e o sentimento popular. Há uma diferente e popular maneira de celebrar os mistérios da fé cristã, enquanto a Liturgia continua oficial e distante do povo. (1976 p.07).

Assim nos damos conta que o grande acervo de cantos, benditos e rezas do nosso povo, como as "incelências", não aparece nos livros de Liturgia nem nos manuais de devoções e missão. Ou ainda por causa da modernidade e das novas tecnologias, o cantar do povo foi sendo esquecido e abandonado, existindo apenas na resistência de alguns espalhados no interior, como os que existem em Viçosa das Alagoas, terra de Théo Brandão.

Este povo é sumamente religioso e seus cantos, ritos e orações acompanham sua vida, do nascimento até à morte. O tão falado aspecto lúdico da vida está fartamente presente nos cantos de Folia de Reis e de São Gonçalo como nos comprova Van Der Poel. Nosso povo encontra tempo para cantar e também dançar nas suas celebrações. Na devoção aos seus santos, o povo mostra sua fé na Comunhão dos Santos, como podemos ver em seus benditos. (1967 p.07).

Deus se encontra muito distante e longe da compreensão simples do povo. Os santos, embora de herança européia, sofreram por aqui uma nova interpretação e uma verdadeira apropriação de outros aspectos culturais. São José está bem inserido no mundo rural, enquanto, por exemplo, Santo Antônio, dentro da realidade familiar, é o santo casamenteiro. O mesmo se pode dizer de outros santos que não encontraram por aqui uma ressignificação histórica e religiosa.

REFERÊNCIAS

ARIES, Ph. **O homem diante da morte-** II 2ª. Edição. Rio de Janeiro 1977. P. 503-508

ANDRADE, J.N. **Tavares de Música popular Religiosa.**In: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, Recife. Vol. 16 e 17, 1969 p.112.

BRANDÃO, Théo. **Cantos e Ritos funerários em Alagoas.** In: estudos e ensaios folclóricos em homenagem a Renato Almeida. Ministério da Relações Exteriores Rio de Janeiro, 1960 p.698.

CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Itatiaia, belo Horizonte, 1988.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente: 1300-1800** São Paulo Companhia da Letras. 1999.

FONSECA, Joaquim, OFN. **Música, Ritual de Exéquias – Uma proposta de Inculturação.** Editora: O lutador, 2010 p. 215.

GUERRA-PEIXE, César. **Rezas de Defunto** In: Revista brasileira de Folclore. São Paulo. Ano VII, no. 2 (Set/Dez) 1968. P. 236

GIORDANO, Oranzo. **Religiosidade Popular em La Edad Média.** Editorial gredos, Madrid. 1983 p.80.

ISNARD, Clemente José Carlos. OSB. Apresentações In: POEL, Frei Francisco Van der. **Deus vos salve, casa santa.** São Paulo, Paulinas. 1976. P.7

POEL, Frei Francisco Van der. **Deus vos salve, casa santa.** São Paulo, Paulinas. 1976. P.7

RODRIGUES, Jocy e NUNES e Silva, Jane Lins. **Ritos Fúnebres populares do Maranhão.** São Luis. Edições UFMA, 1981.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DO SANTO OFÍCIO. **Instructio de cadavereum crematione.** AAs. No. 56, 1964. P. 822-823.